

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE  
CURSO DE PSICOLOGIA

LAURA SANTOS SILVA

Uma análise fenomenológica existencial de  
*A incrível e triste história de Cândida Erêndira e sua avó  
desalmada*, de Gabriel García Márquez

SÃO PAULO

2018

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**

**FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE**

**CURSO DE PSICOLOGIA**

**LAURA SANTOS SILVA**

Uma análise fenomenológica existencial de  
*A incrível e triste história de Cândida Erêndira e sua avó desalmada*, de  
Gabriel García Márquez

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como exigência parcial para graduação no curso de Psicologia à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Andréia De Conto Garbin e co-orientação do Prof.<sup>o</sup> Dr.<sup>o</sup> Marcos Oreste Colpo.

SÃO PAULO

2018

À Marcelo Elias de Oliveira e à todos os  
professores que deixam marcas e  
transformam histórias.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à minha mãe por dedicar grande parte da vida para que conquistas como esta fossem possíveis. Tudo o que tenho é graças a você.

À minha irmã pela grande parceria e por ser alguém com quem posso contar; partilhando comigo o conhecimento acadêmico que possuí ao longo dos anos na faculdade e na execução desse trabalho.

À Andréia Garbin pelo carinho dispensado, o cuidado e o olhar detalhista ao longo da orientação.

Ao Marcos Colpo pela disponibilidade e o auxílio em relação ao caminho percorrido nesse trabalho.

Agradeço a minha família e, em especial, meu irmão de coração Maxwell que teve grande participação para meu ingresso na faculdade.

Às pessoas que partilham do mundo comigo e, principalmente, àqueles que se mostram companheiros, oferecendo acolhimento e motivação para os momentos de cansaço ao longo desses anos de graduação, Erick e Cibelle.

Agradeço a Marcelo Oliveira por me apresentar ao conto.

E, por fim, agradeço ao mundo por permitir o encontro com essas e tantas outras pessoas que marcam, cada um a sua maneira, essa vida que é a minha.

*“Perder você  
Foi o que levou  
A mim mesma”  
(Rupi Kaur)*

**SILVA, Laura Santos. Uma análise fenomenológica existencial de *A incrível e triste história de Cândida Erêndira e sua avó desalmada*, de Gabriel García Márquez, 2018.**

**Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Andréia De Conto Garbin.**

**Co-orientador: Prof.<sup>o</sup> Dr.<sup>o</sup> Marcos Oreste Colpo.**

## **RESUMO**

O presente trabalho teve como objetivo uma análise fenomenológica existencial do conto de Gabriel García Márquez “*A incrível e triste história de Cândida Erêndira e sua avó desalmada*”, (2014). Em nada parecido com os contos de fadas ou com as concepções do imaginário popular, a avó narrada pelo autor explora sexualmente sua neta Erêndira como forma de pagamento de um incêndio acidental. Trata-se de uma pesquisa qualitativa sustentada pelas contribuições da ontologia de Martin Heidegger, no qual os existenciais *culpabilidade (falta)*, *cuidado (Sorge)*, *preocupação e impropriedade* foram utilizados como norteadores da compreensão da relação estabelecida entre Erêndira e a avó, assim como o conto todo. O estudo revela uma relação dominadora da avó em relação à Erêndira que, por sua vez, submete-se às diversas explorações impostas pela avó. Nesse cenário, a avó ocupa a posição de credora em relação à neta e utiliza-se deste lugar para exercício de seu poder. Erêndira, que se percebe em débito, se sujeita às explorações, assumindo sua posição de devedora. Ademais, salienta-se que a obra de Gabriel Márquez revela, sobretudo, uma difícil forma de violência sexual que se caracteriza pelo rompimento de direitos, sugerindo, desta forma, uma denúncia a realidade de muitas meninas e mulheres no nosso mundo.

**Palavras-chaves:** exploração sexual; violência sexual; fenomenologia; análise fenomenológica.

## SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>1. INTRODUÇÃO.....</b>                                     | <b>7</b>  |
| 1.1 Exploração sexual: uma forma de violação de direitos..... | 09        |
| 1.2 Os sentidos do ser avó no mundo.....                      | 13        |
| 1.3 O Ser do homem para Heidegger.....                        | 15        |
| <b>2. MÉTODO.....</b>   | <b>23</b> |
| <b>3. A TRISTE HISTÓRIA.....</b>                              | <b>25</b> |
| 3.1 ERÊNDIRA: uma história de dominação.....                  | 28        |
| 3.2 A avó: entre o real e o fantástico.....                   | 32        |
| 3.3 Projeto forjado: o herói justiceiro.....                  | 34        |
| 3.4 Desvelando os sentidos.....                               | 38        |
| <b>4. CONSIDERAÇÕES.....</b>                                  | <b>41</b> |
| <b>5. REFERÊNCIAS.....</b>                                    | <b>43</b> |

## 1. INTRODUÇÃO

A Psicologia apresentou-se como uma possibilidade de maneira imprópria, através das relações que tinha com colegas de escola que diziam que eu era uma boa ouvinte e conselheira. Era o que sabíamos. O pouco que conhecíamos, tendo se em vista o ambiente em que estávamos: uma escola pública que nunca havia nem sequer citado a Psicologia como profissão ou abordado as questões de saúde mental, racismo, violência e agressão, assédio sexual e moral que atravessavam aquelas paredes e corredores. Hoje, após alguns anos concluído o ensino médio, ainda torço para que esse panorama tenha se transformado.

Durante essa época, pude conhecer um professor de Sociologia que me convidou a uma caminhada em direção ao exercício da reflexão; sobre as questões do mundo e dos seres humanos e, assim, a uma aproximação com a Psicologia. Acredito que, de certa forma, todos nós temos ao longo da vida um professor, ou outro alguém, que se torna uma referência. Eu tive o prazer de ter um que me fez perceber o mundo em que nós vivemos; as relações que estabelecemos com os outros e, diante disso, procurar manter um olhar de estranhamento. Nunca lhe disse, mas foi também uma aproximação do meu próprio poder-ser; o que eu era e o que eu queria dessa vida que é a minha. E, com sorte, na graduação continuei sendo apresentada a outras pessoas que me acompanharam nessa eterna caminhada em busca de sentidos.

Foi nesse contexto que realizei com outros colegas da escola um trabalho sobre a violência sexual infantil, proposta por esse professor. Apesar de ter sido um trabalho genérico frente à complexidade do tema, o contato com essas questões deu um sentido maior para o meu ingresso no curso de Psicologia. Nesse mesmo período, esse professor apresentou-me ao livro *“A incrível e triste história de Cándida Erêndira e sua avó desalmada”*, de Gabriel García Márquez (2014), leitura que levantou muitas questões das quais não soube enunciar ou elaborar na época.

O conto que compõe a coletânea de Gabriel Márquez, e inclusive dá nome à obra, relata a história de uma avó que explora sexualmente sua neta Erêndira, vende o corpo alheio como maneira de recompensar as perdas decorrentes de um incêndio acidental, do qual a avó culpa a neta. Ao longo dos anos do curso de graduação de Psicologia pude enxergar na Fenomenologia uma possibilidade de compreender a relação que se estabelece entre Erêndira e sua avó, personagem tão

distante do imaginário popular. Pensar sobre esse modo de existir de Erêndira que se sujeita a avó e delega a outro (Ulisses) sua libertação; e agora, estas questões fazem-se presentes neste trabalho.

Apesar do conto de Erêndira ser rico em seu conteúdo, uma vez que traz a tona uma forma de violência sexual complexa; foi com o lançamento do livro *Cem Anos de Solidão* e o Prêmio Nobel de Literatura que recebeu em 1982 que fez com que o autor Gabriel García Márquez fosse conhecido mundialmente (CASTOR, 2011).

Nascido em Aracataca, norte da Colômbia, em março de 1927, sua característica principal é o realismo fantástico que apresenta em seus textos; modo este inspirado pela forma com que seus avós, na infância, compartilharam fatos e histórias. Assim, através do fantástico, o autor retrata a realidade, de modo que a realidade textual se sustenta na realidade da vida (NASCIMENTO & NEVES, 2011).

Apesar de ser conhecido como romancista, Márquez desenvolveu diferentes formas de expressão ao longo da sua vida, como contos, crônicas, ensaios, histórias, textos jornalísticos, alguns scripts cinematográficos e uma peça de teatro; sendo marcante em suas produções referências a sua própria vida e histórias de sua família (CASTOR, 2011). Em *Erêndira*, conto proposto à análise, por exemplo, Macondo, cenário onde a história se passa, caracteriza-se como uma reinvenção que o autor fez da sua própria cidade natal, Aracataca; característica esta revelada por Nascimento & Neves (2011).

Ainda segundo os autores, outra característica peculiar de Gabriel Márquez é descrita: a intertextualidade. Ou seja, a relação de discursos que se manifesta em texto. E, através desse recurso, Márquez consegue constituir uma continuidade a cada obra escrita, de forma que o cenário em que os personagens se encontram é muitas vezes semelhante. Assim, faz referência, em rápidas passagens, de personagens que aparecem em outros textos de sua autoria, promovendo a intertextualidade de suas obras; da mesma forma, incorpora elementos históricos e culturais no desenrolar da trama.

É através das singularidades da escrita de Gabriel Márquez na obra literária de *A incrível e triste história de Cândida Erêndira* (2014) que o presente trabalho se propõe a discutir a relação de dominação existente no conto que se caracteriza pela exploração sexual comercial. Isso é feito, no entanto, a partir de um recorte, de um olhar. A Fenomenologia Existencial, nesse sentido, ampara o olhar que será

apresentado da estória. E, através de uma análise fenomenológica sobre o conto em questão, busca-se não a explicação, mas de uma compreensão sobre o fenômeno da exploração sexual. Para tanto, serão utilizados alguns existenciais, ou estruturas de possibilidades que foram contempladas na ontologia de Martin Heidegger (1889-1976) publicada em 1927 – *Ser e tempo*. São esses a *Cura (Sorge)* – *cuidado, culpabilidade, preocupação e compreensão decaída (impropriedade)*. A análise se desdobrará a partir do desvelamento do sentido (*Sinn = rumo, direção do existir*), ou como entendeu L. Binswanger *o projeto de mundo*. A partir dessas considerações a fenomenologia empregada nesse trabalho é uma fenomenologia hermenêutica explicitada por Heidegger no parágrafo sétimo de *Ser e Tempo (1927)*, onde o pensador medita sobre a proveniência do termo fenomenologia, ou seja, fenômeno + logos.

### **1.1 Exploração sexual: uma forma de violação de direitos**

Antes de permear pelo tema da exploração sexual, torna-se importante a discussão da nomenclatura utilizada para descrever tal processo de violência. Dentre as formas de exploração sexual comercial estão a pornografia, o turismo sexual, o tráfico para fins sexuais e a “prostituição” (LIBÓRIO et al., 2007). No entanto, o termo “prostituição” leva consigo muitas críticas quanto ao seu uso, na medida em que se refere a uma parcela de adultos que “escolhe” o comércio do sexo como profissão, o que não corresponde ao que acontece com crianças e/ou adolescentes. Neste contexto, os termos “prostituídas” e “exploradas” são utilizados a fim de romper com o estereótipo e culpabilização das crianças e/ou adolescentes envolvidos no comércio sexual, pois há nessa relação de violência a obtenção de proveito por parte dos adultos, causando danos biopsicossociais às crianças e/ou adolescentes exploradas (FALEIROS, 2000, citado por MORAIS et al., 2007).

Em sua pesquisa, Moraes e colaboradores (2007) tratam a exploração sexual comercial como uma relação de mercantilização, ou seja, o corpo é transformado em mercadoria. E, mais que isso, a situação de exploração sexual comercial caracteriza-se como um ato de abuso, isto é, de violência por parte dos exploradores sexuais que podem ser as grandes redes de comercialização local e global,

pais/responsáveis ou os próprios consumidores do serviço, como assinala Faleiros (2000), citado por Morais et al. (2007).

Segundo a Organização Mundial da Saúde, o abuso sexual infantil caracteriza-se como:

(...) todo envolvimento de uma criança em uma atividade sexual na qual não compreende completamente, já que não está preparada em termos de seu desenvolvimento. Não entendendo a situação, a criança, por conseguinte, torna-se incapaz de informar seu consentimento. (...) Pode incluir também práticas com caráter de exploração, como uso de crianças em prostituição, o uso de crianças em atividades e materiais pornográficos, assim como quaisquer outras práticas sexuais ilegais (WHO, 1999, p. 6).

De acordo com Morais e colaboradores (2007) a definição fornecida compreende também a exploração sexual comercial e, neste sentido, o reconhecimento pela OMS da exploração sexual como sendo uma forma de abuso contra crianças e adolescentes é de suma importância para legitimação do ato de violência, na medida em que a situação é aliciada ou submetida por outrem, isto é, há o abuso de poder de um adulto sobre uma criança e/ou adolescente. Tirando, desta forma, a concepção de que a disponibilização do corpo é feita pela própria criança e/ou adolescentes, como “escolha”.

Se comparada a situação de abuso sexual, no entanto, o autor afirma que a exploração sexual comercial revela peculiaridades no que diz respeito ao caráter comercial, na medida em que este se caracteriza como fundamental para sua ocorrência e definição, estando, portanto, intimamente relacionado à desigualdade econômica. Aspecto esse que também é levantado por Faleiros e Campos (2000), na medida em que considera a pobreza e a exclusão sócio-econômica, que envolve escola, consumo, mercado de trabalho, saúde e cultura, importantes componentes que atravessam o fenômeno da exploração sexual. Desta forma, o enfrentamento dessa forma de violência refere-se a um trabalho de inclusão através de uma rede de proteção das políticas sociais.

A exploração sexual de crianças e de adolescentes tem de ser compreendida em suas determinações históricas. A formação econômica, social e cultural da América Latina, assentada na colonização e na escravidão, produziu uma sociedade escravagista, elites oligárquicas dominantes e dominadoras de categorias sociais inferiorizadas pela raça, cor, gênero e idade. O que deu origem a

uma sexualidade machista, sexista, adultocêntrica, ainda vigente. (FALEIROS e CAMPOS, 2000, p.20).

A exploração, segundo Morais e colaboradores (2007), pode ocorrer de maneira formal ou informal. No mercado formal, crianças e adolescentes são agenciados diretamente por uma terceira pessoa que, além de possuírem direitos sobre os lucros gerados pelo serviço oferecidos pelas crianças e/ou adolescentes, há um contrato mais rigoroso se tratando da relação entre crianças, adolescentes e clientes.

Em contrapartida, já no mercado informal, crianças e adolescentes oferecem esses serviços autônomos. Sendo, no entanto, possível a existência de uma exploração indireta por parte de cafetões ou de parceiros abusivos. Nesse caso, a relação com o cliente é menos rígida, de modo que muitas vezes não há clara demanda de recompensa financeira, sendo possível a expectativa de casamento com o cliente como uma forma de manutenção dessas relações, conforme assinala Morais e colaboradores (2007). Outra questão interessante apresentada é que no mercado informal quem oferece os serviços, muitas vezes, não se auto-denomina como prostituta, o que pode atuar como facilitador para aqueles que não se reconhecem ou não desejam ser vistos como “clientes”, segundo Davidson & Taylor (1996), citado por Morais et al. (2007).

Para Libório (2005) o fenômeno da exploração sexual possui uma dimensão processual, isto é, se desenrola aos poucos e, assim, se caracteriza como uma parte da história de vida de crianças e/ou adolescentes que carregam marcas de violência e violação de direitos desde tenra idade. Faleiros (2003) aponta que “o uso deslegitimado do poder (inversão do poder legítimo de proteger) exerce-se, principalmente e em geral, por um membro próximo e reconhecido pela criança como o tio, o pai, o padrasto, o irmão ou um parente próximo” (p. 71). O autor esclarece que a mulher (mãe, avó, tia) tem tido um papel importante na notificação do abuso, aspecto esse que converge com o conto proposto à análise, na medida em que a exploração é exercida pela própria avó.

A exploração de crianças e adolescentes para fins sexuais caracteriza-se como uma das formas mais graves de violação dos direitos humanos (FARIAS et al., 2007). Assim, a prevenção exige uma ação conjunta entre família, sociedade e

Estado, de forma a utilizar métodos, programas e campanhas de esclarecimento e combate a tal violência (VERONESE, 2012).

Até o advento da Constituição Federal de 1988, a criança e o adolescente eram considerados meros objetos, tendo em vista uma ótica menorista que coisificava a infância. No contexto da nova legislação, a criança e o adolescente passam a ser compreendidos como sujeitos que possuem a autonomia em desenvolvimento, configuram-se como atores sociais.

De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), se faz necessário um ambiente que permita o pleno desenvolvimento dos jovens considerando os aspectos físicos, mental, moral, psicológico e social as condições de liberdade e dignidade. O Art. 5º determina que: “Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais” (ECA, 1990).

Erêndira reflete um conjunto de meninas que passam pela situação de exploração sexual no Brasil e no mundo. Os achados do estudo de Libório (2005), realizado no interior no Estado de São Paulo, apontam para meninas exploradas sexualmente, residentes em regiões do município caracterizadas como de exclusão social, nível de escolaridade baixo e conflitos familiares desde a infância que se intensificaram. Assim, ao analisar a alta frequência diária de programas realizados pelas garotas considera que “esses dados nos indicam um alto envolvimento na exploração sexual, demonstrando uma rotina massacrante e desumana” (LIBÓRIO, 2005, p. 418).

Para Faria et al. (2007), a cultura relacionada a coisificação das pessoas, isto é, em que homens e mulheres negros eram considerados objetos e como tais explorados, tratados, transportados e negociados ainda fomenta práticas de violência e segregação até os dias atuais. A utilização de pessoas para a exploração, tráfico ou trabalho forçado refere-se a uma violação dos direitos humanos que, para continuar existindo, transformou-se e revestiu-se de formas diferentes, “adaptadas” à modernidade. E, por se constituir como uma prática que gera muito lucro, sua erradicação torna-se difícil. Esse cenário contextual que, de certa forma, permite e mantém a ocorrência da exploração sexual, envolve a participação de todos nós, uma vez que reforçamos a manutenção da violência sexual com nossos mitos e tabus (JESUS, 2006, p.675 apud ESBER, 2005, p. 75).

## 1.2 Os sentidos do ser avó para o mundo

O tornar-se avó ou avô, segundo Kipper & Lopes (2006) representa o quarto processo de individuação e, apesar da abordagem utilizada pelos autores não ser a aplicada neste trabalho, traz importantes aspectos para a compreensão do imaginário popular do que é ser avó no nosso mundo, o que se faz necessário para a compreensão do conto. Assim, segundo os autores, no momento em que seus filhos se tornam pais, os avós precisam redefinir a nova posição que irão ocupar, além de alterar a representação que possuem de seus filhos e desenvolver novos vínculos com o neto. Este momento, apesar de ser marcado por tarefas da meia-idade como aposentadoria, doença, perda do cônjuge, caracteriza-se por direcionar a atenção para o neto que acaba de chegar e que representa um futuro genético; futuro este que permanecerá independente deles mesmos.

Neste contexto, o vínculo com os netos refere-se a algo bastante peculiar na medida em que os avós tendem a idealizá-los. Tal idealização e o investimento nos netos representam uma defesa contra as aflições da idade avançada e a certeza da morte. Da mesma forma, representam a possibilidade de reparar sua própria vida através da continuidade genética (COLARUSSO, 1997, citado por KIPPER & LOPES, 2006).

Dentre os resultados de sua pesquisa empírica, as autoras expõem que o tornar-se avó caracteriza-se como uma expectativa que havia se realizado para quase todas as avós entrevistadas, estando presente o discurso de que a descoberta deste momento se refere a algo maravilhoso e muito aguardado.

Ao se tornarem avós, algumas já tinham uma ideia de como seria, que era como haviam imaginado, ou até melhor do que haviam imaginado: "eu sempre digo que a melhor coisa do mundo é ser avó", sendo que para duas delas era melhor do que ser mãe: "é melhor que ser pai e mãe, eu acho que é melhor porque a gente talvez esteja menos preocupada que a mãe... Eu só sei que ser mãe é como uma gostosa torta, e ser avó é uma gostosa torta com chantilly em cima" (KIPPER & LOPES, 2006, p.31).

As autoras ainda destacam o fato de que, em todas as entrevistas realizadas as avós relembrou do nascimento de suas filhas. Assim, o nascimento do neto foi descrito como um momento de muita emoção que suscitou a lembrança e a

comparação com suas filhas, da mesma forma que a revivência do próprio parto e das dificuldades que passaram.

Ao aprofundar na relação estabelecida entre avós e netos, assunto este mais próximo ao que queremos tratar neste trabalho, temos que a *avosidade* refere-se ao laço parentesco entre ambos (OLIVEIRA et al., 2010). Ao partir desta temática, focalizando a *avosidade* no período da infância, as referidas autoras expõem que o relacionamento entre avós e netos é marcado pelo prazer e brincadeiras, sendo que outros significados podem se tornar relevantes posteriormente, à medida que os netos crescem.

Ainda segundo as autoras, as avós incorporam a responsabilidade materna e se consideram as principais substitutas dos filhos, quando estes, por algum motivo, não assumem seus próprios filhos. Neste contexto, as avós da linha materna tendem a se relacionar de forma mais íntima com seus netos e ocuparem mais frequentemente a posição de cuidadora substituta dos pais, quando comparado às avós da linha paterna. Desta forma, as avós maternas fazem-se mais presentes na família, devido à confiança que as mães depositam e desenvolvem nelas.

As de entrevistas semiestruturadas realizadas por Oliveira et al. (2010) com 17 avós e seus netos, objetivando avaliar a relação entre estes, mostraram importantes características que permeiam este vínculo. Assim, os netos apresentam alegria e satisfação quando realizam determinada atividade junto às suas avós, assim como valorizam o carinho dispensado por estas. Da mesma forma, as avós demonstraram sentirem satisfeitas em apoiar, proteger e ensinar seus netos, ficando visível a felicidade que essa relação transmitia a estas. Portanto, a satisfação e o afeto dispensados tanto pelas avós como pelos netos demonstram a bidirecionalidade da relação, confirmando, desta forma, o importante papel que as avós exercem na vida dos netos.

Além disso, os dados da pesquisa das autoras apontam para uma forte relação emocional, na medida em que as avós entrevistadas desempenhavam papéis relacionados à educação das crianças, assim como competia a elas a tarefa de tomada de decisões. Da mesma forma, as avós protegiam seus netos da maneira que podiam. Tais esforços podem estar relacionados à união da família e a evolução das futuras gerações.

Esses atributos, como a responsabilidade, o carinho e o amor dispensado pelas avós, no entanto, são oriundos da convivência com suas famílias, da criação

de seus próprios filhos e, ainda, do acompanhamento das gestações de suas filhas até o nascimento de seus respectivos netos. A partir daí o tempo de contato torna-se fundamental para maior proximidade e estreitamento de vínculo, pois, quanto mais o contato com o neto, mais atividades são executadas em conjunto, o que possibilita estabelecer uma relação mais forte entre avó-neto (OLIVEIRA et al., 2010).

Outro aspecto importante refere-se ao fato de que as avós posicionam o idoso como alguém que construiu sua história através da experiência acumulada e que, por isso, merece respeito. Esse aspecto também é percebido pelos jovens, na medida em que relacionam o poder à sabedoria adquirida através do tempo vivo. Assim, o poder expressa-se na forma de controle de coisas e pessoas, do domínio da situação, ou, ainda, através da sabedoria, experiência e dinheiro. Para o jovem, o poder corresponde a uma ideia de saber pela experiência, assim, as coisas que se pode aprender durante a vida e a capacidade que se adquire a partir das vivências são o que definem esse imaginário (RUSCHEL & CASTRO, 1998). Como demonstram os autores, "Minha avó determina tudo... é sutil. Faz uma chantagenzinha, fica doente... É a matriarca e faz valer a sua vontade."

A família caracteriza-se por um sistema estruturado nos valores culturais da sociedade e organizado através de laços de intensa convivência emocional, além de unidade de cooperação econômica. Nesse contexto, o "mando e obediência" aparecem como estruturantes do sujeito, uma vez que a família se refere ao âmbito no qual o indivíduo se reproduz e se constitui como assinala Duarte (1994), citado por Ruschel & Castro (1998).

Nesse aspecto, diferentes papéis são desempenhados e, conseqüentemente, observa-se diferentes e desiguais relações intergeracionais. As relações de poder, nesse sentido, desestabilizam-se em muitos momentos, desenvolvendo conflitos de gerações (RUSCHEL & CASTRO, 1998).

### **1.3 O Ser do homem para Heidegger**

Um aspecto fundamental para se compreender o pensamento heideggeriano presente neste trabalho é que não se trata de uma definição do que é o homem ou um conceito de homem. Os aspectos aqui apresentados, ao contrário, indicam uma

transformação radical no modo de se pensar o Ser do homem. E, para tanto, o termo *Dasein* surge da impossibilidade de fixar o homem em uma figura específica e da busca de uma definição que contenha o que esse ente propriamente é (CASANOVA, 2015).

Para Heidegger o termo *Dasein* significa ser-aí, e, assim, refere-se, em um primeiro momento, simplesmente o Ser do homem. E como *Dasein*, o homem existe (é) enquanto aí - em abertura para o ser. O ser-aí, nesse sentido, representa uma condição ontológica do homem. O "aí" (*da*) não se refere a uma localidade; mostra que somos uma abertura, espaço de acontecimento, de acordo com Giacoia Jr. (2013).

*Dasein* é possibilidade, é abertura, é poder-ser. E sendo, já sempre se relaciona compreensivamente com o seu ser, pois o homem é o único ente cuja existência o pertence como elemento; cuja existência está em jogo. Assim, o homem é um ente que em seu modo de existir mantém uma relação essencial com o seu ser. E por ser abertura, poder-ser, se depara com o ter-de-ser, na medida em que não pode deixar de se realizar a cada vez em sua possibilidade. Tudo que ele é se concretiza a partir de possibilidades fáticas do mundo que é o seu (GIACOIA JR., 2013).

O autor sustenta que o ser-aí existe no tempo, e a partir do tempo o *Dasein* compreende seu próprio Ser. A temporalidade é um componente fundamental da estrutura do ser-aí que o determina ontologicamente como sendo finito e mortal. E é sendo possibilidades indeterminadas, que o ser-aí tem que assumir-se também em sua possibilidade mais radical como ser-para-a-morte. Ou seja, de não atender seu poder-ser. A morte, nesse sentido, mostra-se não só como uma certeza, mas como uma possibilidade.

Segundo Braga & Farinha (2017), enquanto vivo somos abertura, estamos em constante realização de quem podemos ser. A morte configura-se como uma experiência única e intransferível, uma vez que não se pode viver a morte que não é a minha, e significa a finalização da realização de nossas possibilidades. E é justamente nesse campo que a finitude se relaciona com a temporalidade, na perspectiva de finalizar futuramente nossas possibilidades de ser; sendo ser-para-morte nos deparamos com o que já não é mais e o que ainda não é.

O mundo possui uma trama significativa, que já sempre nos diz o que devemos ser ou fazer. E, a partir do momento que estamos no mundo

experimentamos uma medida de mundo, elemento este constitutivo do ser-lançado, ser abertura. Giacoia Jr. (2013) sustenta que é no mundo que a nossa existência se desdobra.

É sendo no mundo e com os outros entes que podemos nos relacionar de forma pessoal ou impessoal. Na relação pessoal, engajamo-nos num relacionamento com os outros como pessoas, em um modo de ser-com, de compartilhamento. O autor pontua que essa relação não se restringe apenas a que estabelecemos com os outros, mas também está vinculada a relação que criamos conosco. O nosso si mesmo é inaugurado na nossa relação com os outros, na medida em que existir significa cuidar de poder-ser no mundo, que é também ser-com-os-outros. O poder-ser é indefinido, mas finito. Assim, o ser-aí é, a todo o momento, ser-com-os-outros se ocupando do mundo que é o seu e se pré-ocupando com os outros entes.

Braga & Farinha (2017) discorrem sobre as duas maneiras de o homem se relacionar com os entes: ocupação e preocupação. A primeira refere-se ao trato com os entes simplesmente dados, intramundanos; e, portanto, pressupõe uma relação de serventia, fazer algo, produzir e realizar. Esse modo de ser com os entes refere-se também ao nosso próprio cuidado uma vez que é no trato com os entes no mundo que as possibilidades se abrem, e, assim, possibilidades de sermos a cada momento desse ou daquele modo. Já a preocupação, ou também chamada de solicitude, refere-se ao ser-com-os-outros em co-presença no mundo. Trata-se, portanto, da relação que estabelecemos com outro *Dasein*, o modo que compartilhamos o mundo com os outros. Nesse sentido, as emoções, valores e o envolvimento é condição fundamental do homem em sua humanidade, não sendo, porém, aspectos existentes em si mesmos, de maneira pronta; mas construídos e compartilhados nas relações.

Ainda segundo as autoras, a modalidade de cuidado preocupação (*Sorge*) pode assumir várias maneiras. Nas formas deficientes, por exemplo, somos ser-sem-o-outro; ser-contra-o-outro; passar-pelo-outro, demonstrando um não-se-importar-com-o-outro (Heidegger, 1981, citado por Braga & Farinha 2017, p. 72). Na relação de submissão, o ser se torna ser-lá, se afastando e deixando de ser-si-mesmo. No cotidiano experienciamos as medidas de mundo que nos são ofertadas, de modo a não nos atentarmos para o modo como realizamos nossas possibilidades

de ser. Ou seja, na maior parte do tempo nos relacionamos de modo impessoal; o que nos leva a um afastamento e a não-singularidade do ser.

Já em relação aos modos positivos da preocupação Braga & Farinha (2017) apontam duas possibilidades extremas. No modo substitutivo, nos ocupamos dos entes no lugar do outro e, nesse sentido, o outro é deslocado de sua posição. Em relação a isso, as autoras elucidam com o exemplo da mãe que prepara o alimento para o filho quando ele ainda não é capaz; substituindo-o na ocupação de alimentar-se. Embora muitas vezes necessário, corre-se o risco de dominar o outro, na medida em que ao escolher e fazer pelo outro, este é retirado da tarefa de direcionar seu si mesmo; tornando-se, portanto, uma maneira inautêntica de cuidado. A outra possibilidade de cuidado é o modo antepositivo, também chamado de autêntico cuidar, que compreende um questionamento do modo como alguém vem sendo, de modo a assumir seus próprios caminhos e vá de encontro consigo mesmo; essa perspectiva pressupõe um relacionamento significativo e envolvente.

Segundo Giacoia Jr. (2013), o ser-aí é temporalidade, mas é também abertura. Nesse sentido, o autor discorre sobre as modalidades intramundanas existentes, ou seja, da relação com os outros entes; formas de ser no mundo, uma vez que o Dasein é abertura não só para seu próprio ser, mas para o mundo e os outros entes. São três modalidades originárias ou existenciais que denotam o ser-aí como ser-no-mundo:

#### 1. Afinação/ estar disposto

Refere-se ao tônus afetivo geral ou estado de ânimo; consiste no modo de viver o relacionamento com o mundo (a legre, triste, irritado), não implicando necessariamente um estado psicológico ou um sentimento particular. A angústia é a mais fundamental dessas disposições afetivas, pois pertence ao próprio Ser do ser-aí. Trata-se de um dispositivo que abrange todas as possibilidades do Dasein, de ter-que-ser e perder se de ser.

#### 2. Compreensão

O significado do termo compreensão para Heidegger não abarca um aspecto cognitivo no sentido de apreender e entender algo, mas, essencialmente, o autor usa o termo compreender como “entender de”, demonstrando um poder e uma capacitação. Nesse sentido, o Dasein é compreensão porque já sempre se relaciona

compreensivamente com o seu ser, ou seja, compreender é entender de ser, saber de si, cuidar do seu próprio existir. Refere-se não a uma escolha, mas uma condição, já que a compreensão é um elemento ontológico originário do ser-aí.

### 3. Fala, discurso, palavra, linguagem

Corresponde ao modo como o ser-aí enuncia seu entendimento de ser. A linguagem é a articulação que une e manifesta, para Heidegger refere-se à morada do ser. E, ao falar, o Dasein desvela os entes, o que eles são, e o mundo.

Segundo Giacoia Jr. (2013), cada uma das modalidades afetivas de abertura do ser-aí correspondem a um modo de existência cotidiana: a afinação/estar disposto corresponde a estados afetivos, os humores (alegre, triste, indiferente, irritado). Já a compreensão é o modo como o ser-aí se situa no mundo sempre compreendendo, mesmo que nos seus modos mais restritos. Um dos modos da abertura, o aí do ser-aí é a impropriedade ou a compreensão decaída, no caso ela se dá através da falação ou falatório, da avidez de novidades ou curiosidade e a ambiguidade. Esses primeiros (Afinação, Compreensão e Fala) são elementos ontológicos do ser-aí, isto é, estruturantes do *Dasein*. A disposição, curiosidade e o falatório são correspondentes ônticos dessas estruturas na cotidianidade, ou seja, são possibilidades de modo de ser-no-mundo; formas de anestesiar a afinação da angústia que nos leva a preocupação com o próprio existir. Nesse sentido, a curiosidade é atentar-se ao que distrai, no que interessa a todo mundo; enquanto que o falatório é o tagarelar e o opinar sobre tudo sem nada dizer, é o discurso que não compromete.

Como já foi dito, o ser-aí não está completamente à mercê do mundo, ele é singularidade. Cada um de nós é a própria e respectiva existência, ninguém experiência a existência que não a sua, e isso abrange tanto a vida como a morte. Para Braga & Farinha (2017), através da disposição afetiva da angústia entramos em contato com a nossa condição de ser abertura e indeterminação, e percebemos que a trama significativa em que estamos imersos é uma possibilidade interpretativa, mas não determina nosso modo de ser. Assim, podemos nos apropriar do modo como cuidamos do nosso ser-aí ao reconhecer nas possibilidades os rumos do nosso existir.

Nessa perspectiva, as autoras relatam que ao reconhecer que as significações podem nos aprisionar, reconhecemos também que a suspensão dos significados possibilita a liberdade de criação de sentido. Trata-se de se tornar protagonista da própria história e, nesse sentido, aproximar-se da dimensão da autenticidade; pois ao contatar a condição de abertura e indefinição, o *Dasein* retoma a condição de ter a existência como tarefa e questão.

É imerso na trama significativa do mundo que o ser-aí pode ser como um si próprio ou não ser como um si próprio, isto é, viver na impropriedade e, nesse caso, foge de si-mesmo enquanto ser-aí (GIACOIA JR., 2013). É importante destacar que a existência inautêntica oferece segurança, pois, de certa forma, o *Dasein* se isenta da tarefa de lidar com seu ser-aí, na medida em que os outros se apropriam do seu ser e de suas possibilidades. Desta forma, o autor destaca que, para Heidegger, a inautenticidade apresenta-se ao mesmo tempo como uma alienação e uma tentação, pois permite escapar da angústia (CABESTAN, 2010).

Decaimento, viver na impropriedade, não deve ser tomado por um sentido moralista ou de valor, nem tão pouco se refere ao oposto de ser-si-próprio; mas designa a condição do ser-aí de ser lançado no mundo. E é por viver na impropriedade que o ser-aí pode voltar-se para sua possibilidade mais autêntica de ser-si-próprio (GIACOIA JR., 2013).

O ser-aí como abertura, possibilidade de ser, assumir-se também na possibilidade de não ser. Em relação a isso, há dois sentidos: o não ser como não ser-si-próprio, de tomar para si as medidas de mundo, aderindo ao modo inautêntico e impróprio. Em segundo, o ser-aí pode assumir a possibilidade da morte; já que o *Dasein* é ontologicamente ser-para-morte (GIACOIA JR., 2013). A autenticidade, para Cabestan (2010), refere-se a um assumir seu ser ao invés de fugir dele e, nesse sentido, assumir a sua possibilidade mais própria de ser-para-morte.

Neste sentido, culpa e a consciência moral resgatam o ser-aí para a autenticidade. A culpa para Heidegger refere-se a um faltar a si, de estar em dívida com as possibilidades de ser-aí - seja aquelas possibilidades vividas ou as não escolhidas (GIACOIA JR., 2013).

Em relação à angústia e a culpa, Boss expõe em *Angústia, Culpa e Libertação* (1981):

Então perceberemos em primeiro lugar que, toda angústia e toda culpa, cada um deles propõe duas questões fundamentais próprias,

de cuja resposta conveniente depende toda a compreensão de seu sentido. Cada angústia humana tem um *de que*, do qual ela tem “medo” e um *pelo que*, pelo qual ela teme. Cada culpa tem um *o que* ela “deve”, e um *credor* ao qual ela está devendo. (BOSS, 1981, p. 26)

Assim, a questão *do que* da angústia refere-se sempre a ameaça do não estar-aí do *Dasein*, isto é, refere-se ao medo da própria morte, sua única certeza e possibilidade mais própria. Assim, o *pelo que* da angústia humana condiz com o próprio estar-aí, na medida em o homem sempre se preocupa e zela pela duração do seu ser no mundo, pois, segundo o autor “é sempre o viver da vida que desgasta e põe em perigo o estar-aí” (BOSS, 1981, p. 26).

O autor sustenta que a culpa é habitualmente relacionada ao medo de castigos, sendo o medo de dano, isto é, das punições sociais, a raiz do agir correto e consciente de culpa: “Durante muito tempo vemos os nossos filhos se tornarem conscientes de culpa apenas quando não cumprem uma ordem ou quando transgridem uma proibição e por isto, com razão, esperam um castigo” (BOSS, 1981, p. 28-29). A Culpa derivada da palavra do antigo alto-alemão *Sculde* significa aquilo que carece e falta e, portanto, corresponde a algo que sempre se fará presente na vida do ser humano. Ainda segundo o autor, apenas quando renunciamos as tentativas de explicação deste fenômeno é que paramos de atribuir os sentimentos de culpa que aparecem tardiamente a sentimentos de culpa que se mostram biograficamente antes.

A falta ontológica forma o conteúdo da consciência moral, não no sentido de tribunal interior ou concepções religiosas, mas no sentido de sentir-se em falta consigo mesmo. A culpa e a morte convocam a consciência moral que é a voz da nossa culpa originária. E essa consciência de culpa é o correspondente ontológico da angústia, intrínseco ao cuidado de si e do mundo tendo em vista a própria temporalidade e finitude do *Dasein* (GIACOIA JR., 2013).

A compreensão exposta a cerca do homem ou do ser-aí é ontológica, portanto, refere-se à condição humana. Ontológico aqui quer dizer aquilo que concerne a todos os homens, isto é, que funda a nossa existência. Assim, todo homem sabe, de algum modo, que é imortal, finito. O futuro é incerto, somos responsáveis pelo nosso projeto e pelo que queremos da nossa vida. A impossibilidade de desfazer o que fizemos, as perdas que presenciamos ao longo da

história, são condições inseparáveis da nossa existência. Depara-nos com a culpa das escolhas realizadas e a vingança do não escolhido, revelando a falta como marca a existência do ser-aí. Tais estruturas de possibilidade do homem, assim como outras que serão apresentadas, nos nortearão na análise do conto de Erêndira.

## 2. MÉTODO

O contexto de surgimento da Fenomenologia é marcado pela busca do elemento universal nas filosofias modernas que pressupunham conhecer a verdade essencial das coisas. Nessa concepção, por um lado, o sujeito consiste naquele capaz de conhecer e alcançar as determinações do objeto. E, por outro lado, o objeto que possui suas determinações; operando, desse modo, uma cisão entre sujeito-objeto. É frente a essas questões que Husserl elabora o método fenomenológico como caminho para investigação da consciência, já que, apesar de seu interesse por esse fenômeno, acreditava que os métodos realistas e idealistas de investigação não alcançavam a sua estrutura mais originária. (FEIJOO & MATTAR, 2014)

Os autores sustentam que na investigação do fenômeno da consciência, Husserl, primeiramente, suspendeu todas as teorias acerca da consciência, assumindo uma postura antinatural chamada de redução fenomenológica. Em um segundo momento, o filósofo, acompanhando descritivamente a própria constituição da consciência, alcançou a essência do fenômeno pelo exercício do pensamento, e, assim, encontrou a essência da intencionalidade como espaço de acontecimento dos fenômenos.

Para Husserl a intencionalidade corresponde a um incessante transcender de si mesmo. A intencionalidade é da consciência que sempre está dirigida a um objeto, reconhecendo o princípio de que não existe objeto sem sujeito (TRIVINOS, 1987). Ou seja, significa dirigir-se para, e, assim, toda consciência é “consciência de” (CARVALHO, et al 2012). Nessa perspectiva, sujeito e objeto acontecem imediatamente, sem nenhum intervalo espaço-temporal e, conseqüentemente, sem qualquer estrutura de causalidade. Nesse sentido, o método fenomenológico consistiu em acompanhar o fenômeno em seu campo de mostraçã para que o mesmo aparecesse em sua essencialidade (FEIJOO & MATTAR, 2014).

A partir de Husserl a fenomenologia ganha novos desdobramentos principalmente em Heidegger com a sua ontologia *Ser e tempo* (1927). É nessa obra que o pensador explicita o método fenomenológico de investigação a partir da análise semântica da palavra fenomenologia, ou seja, fenômeno + logos.

Ao destrinchar a palavra Fenomenologia temos que “*Fenômeno*” é aquilo que se mostra e “*Logos*” significa fala, discurso; aspecto esse que diverge da concepção

metafísica que entende logos como razão, proporção, juízo, conceito, definição, proporção. Diz Heidegger (2015); “o logos faz e deixa ver aquilo sobre o que se discorre e o faz para quem fala e para todos aqueles que falam uns com os outros” (p.72)<sup>1</sup>. Assim, a Fenomenologia é a reflexão sobre um fenômeno ou aquilo que se mostra. Dizer que alguma coisa se mostra, é tratar não somente das “coisas” que aparecem no mundo físico, isto é, não tratamos apenas do significado das coisas físicas, mas também das abstratas. Da mesma forma, as coisas se mostram a nós seres humanos que buscamos o significado e o sentido daquilo que se mostra. O fenômeno é tudo aquilo que se mostra para nós, mas o que interessa não é o fato das coisas se mostrarem, mas sim compreender o que elas são, isto é, o seu sentido. Exercício este que envolve uma série de operações, pois nem sempre é possível identificar o sentido, ou seja, compreender o fenômeno imediatamente (BELLO, 2006:17-19).

É na busca pelo sentido do fenômeno que esta pesquisa se propõe não a explicar, mas a compreender; distinção feita por Giacoia Jr. (2013). Segundo o autor, explicar consiste na identificação de relações ou séries de evento, de modo que há a lógica da ligação entre causa e efeito. Já a compreensão, caracteriza-se por um processo hermenêutico visando o sentido dos eventos do mundo. Assim, na interpretação do sentido, o pesquisador nunca pode ser separado inteiramente do seu objeto de estudo, uma vez que há a interferência de sua subjetividade.

Com isso, o presente trabalho consiste na leitura minuciosa do conto “*A incrível e triste história de Cândida Erêndira e sua avó desalmada*” (2014) de Gabriel García Márquez; através do qual recortes de trechos e falas serão selecionados visando contemplar de forma ampla a trama vivida pelos personagens, a fim de não restringir as experiências narradas. A escolha do método fenomenológico como análise se deu em virtude da inexistência de planejamento rígido e da possibilidade de utilizar o modo de viver das pessoas como material de análise visando a compreensão dessas experiências, diferente de métodos que exigem definições e conceitos (GIL, 2008: 15). Para tanto, serão utilizados os dispositivos existenciais *cuidado, preocupação e impropriedade*, na perspectiva da Fenomenologia Existencial de Martin Heidegger (1889-1976).

---

<sup>1</sup>Tomei por referência a edição de 2015 do livro *Ser e tempo*, tradução de Marcia de Sá Cavalcante Schuback, Petrópolis: Editora Vozes.

### 3. A TRISTE HISTÓRIA

A avó morava com Erêndira numa enorme mansão construída pelo seu marido, um contrabandista lendário que se chamava Amadís, com quem teve um filho que também se chamava Amadís, pai de Erêndira. A mansão ficava na *alma do deserto*, longe de tudo. A causa mais conhecida desse isolamento era que Amadís, o pai, havia tirado sua formosa mulher de um prostíbulo das Antilhas, onde matou um homem a facadas, e a refugiou no deserto. Quando os Amadís morreram, um de febre de melancolia e o outro numa discussão de rivais, a avó enterrou os cadáveres, dispensou as criadas, e continuou nutrindo seus sonhos de grandeza através dos sacrifícios da neta bastarda que criara desde o nascimento.

A avó era *tão gorda* que só podia andar apoiada no ombro da neta ou em um cajado; parecia uma *formosa baleia branca*. Já Erêndira tinha acabado de fazer quatorze anos, *era lânguida, de ossos delicados, era muito paciente para a sua idade*. Varria a casa, polia as louças, banhava a avó e a enfeitava. Trabalhava adormecida. Ocupava-se o dia inteira das tarefas que a avó lhe atribuía em vigília e adormecida nos delírios de seus sonhos.

[Erêndira] Pegou um leque de penas e começou a abanar a implacável matrona, que lhe ditava o rol noturno de ordens enquanto mergulhava no sono.

- Passe toda a roupa antes de se deitar, para dormir com a consciência tranquila.

- Sim, avó.

- Examine bem os roupeiros, que nas noites de vento as traças têm mais fome.

- Sim, avó.

- E ponha a comida do avestruz.

Adormecera, mas continuou dando ordens, pois dela herdara a neta a virtude de continuar vivendo no sonho. Erêndira saiu do quarto sem ruído e fez os últimos deveres da noite, respondendo sempre às ordens da avó adormecida.

- Regue as sepulturas.

- Sim, avó.

- Antes de se deitar, veja bem que tudo fique em perfeita ordem, pois as coisas sofrem muito quando não são postas a dormir em seus lugares.

- Sim, avó. (p.94)

Um dia, vencida pela jornada, Erêndira nem se despiu, colocou o candelabro na mesa-de-cabeceira e caiu na cama. Nesta noite o vento da sua desgraça

mergulhou-se no quarto, tombou o candelabro contra as cortinas e transformou em cinzas a fortuna da mansão.

Erêndira, sentada entre as duas sepulturas dos Amadís, parara de chorar. Quando a avó se convenceu de que muito pouca coisa ficara intacta entre os escombros, olhou a neta com pena sincera.  
- Minha pobre pequena - suspirou. - Você não terá vida bastante para me pagar este prejuízo. (p. 97)

Naquele mesmo dia, a avó levou Erêndira ao lojista da povoação, um viúvo conhecido no deserto por pagar um bom preço pela virgindade; e foi a partir daí que Erêndira se viu atada ao seu triste destino. Quando não havia mais em sua povoação um homem que pudesse pagar alguma coisa pelo amor de Erêndira, as duas partiram em viagem com os restos do incêndio: a cabeceira da cama vice-real, um anjo de guerra, o trono chamuscado e o baú com os ossos dos Amadisés.

Improvisaram uma barraca para viver no deserto, com folhas de zinco e restos de tapetes asiáticos. A avó, contra o costume, tratava de enfeitar a neta para receber os homens que, com o tempo, fizeram fila para estar com Erêndira. Permaneceram no povoado por um longo período até que a avó teve dinheiro suficiente para comprar um burro. Assim, seguiram perambulando pelo deserto, em busca de outros lugares para cobrar a dívida.

Depois de passados seis meses do incêndio, a avó teve uma visão total do negócio.  
- Se as coisas continuam assim - disse a Erêndira -, você me pagará a dívida dentro de oito anos, sete meses e onze dias.

(...) Erêndira, que caminhava ao lado do burro, abatida pelo calor e o pó, não fez nenhum reparo às contas da avó, mas teve de conter-se para não chorar. (p.106)

Com o dinheiro pago pelo amor de Erêndira, aos poucos, a avó foi recuperando seus supérfluos de luxo. Da mesma forma, foi aprimorando seu negócio, contratando um fotógrafo e uma banda de música para atrair a clientela. Assim passaram por um tempo até que Erêndira conheceu Ulisses, filho de um holandês contrabandista de laranjas.

Delirou muitas horas, em voz alta, e com uma paixão obstinada. Ulisses, porém, não a ouviu, porque Erêndira o amara tanto, e com tanta verdade, que voltou a amá-lo pela metade de seu preço

enquanto a avó delirava, e continuou amando-o sem dinheiro até o amanhecer. (p.116)

A triste história de Erêndira, porém, teve uma trégua quando um grupo de missionários do deserto a capturaram adormecida e a levaram para o convento.

Erêndira, em vez disso, não perdera nem uma noite de sono desde que a levaram ao convento. Cortaram-lhe o cabelo com umas tesouras de podar até deixar sua cabeça como uma escova, vestiram-na com o rude hábito de cânhamo das reclusas e lhe entregaram um balde de cal e uma brocha, para que pintasse os degraus das escadas cada vez que alguém os pisasse. Era um trabalho de mula, porque havia um subir e descer incessante de missionários enlameados e noviças carregadas, Erêndira, porém, sentiu-o como um domingo em todos os dias, comparado à prisão mortal da cama. (p.122)

A avó, então diante da impossibilidade de continuar lucrando com os serviços da neta, utilizou-se de todos os recursos possíveis para tirá-la da custódia dos missionários. Assim sendo, pagou a um índio para que se casasse com Erêndira, obtendo os cuidados da neta novamente nessa circunstância. Com medo de novas represálias,

(...) a avó conseguiu que o senador avalizasse sua moralidade, com uma carta de próprio punho, e com ela ia abrindo as mais fechadas portas do deserto. (p.130)

O desejo de se ver livre da avó era existente, o que fez com que Erêndira fugisse com Ulisses, levando consigo três laranjas com diamantes legítimos cravados em seu interior, roubadas na plantação de seu pai. Partiram ao anoitecer e, no entanto, não foram muito longe, já que a avó novamente utilizou-se de todos os recursos para encontrar Erêndira. Com isso, a tentativa de fuga lhe rendeu apenas uma corrente de cachorro com que a avó a prendeu no travessão da cama.

Certa do fracasso de fugir, Erêndira certificou-se da coragem de Ulisses ao lhe perguntar se seria capaz de matar a avó. E, assim, tomado por algo que se assemelha muito ao amor, Ulisses tentou e obteve fracasso por duas vezes:

[A avó] Comera arsênico suficiente para exterminar uma geração de ratos. Apesar disso, tocou piano e cantou até a meia-noite, deitou-se

feliz, e teve um sono natural. O único sinal novo foi um estertor sofrido na respiração. (p.152)

(...) Erêndira não teve mais notícias de Ulisses até duas semanas mais tarde, quando ouviu, fora da barraca, o chamado da coruja. (...) Erêndira atendeu ao chamado e só então descobriu o pavio da dinamite que saía da caixa do piano e se estendia entre as moitas e se perdia na escuridão.

(...) - Tape os ouvidos - disse Ulisses.

Os dois o fizeram, sem que fizesse falta, porque não houve explosão. (...) Quando Erêndira ousou entrar, pensando que a avó estava morta, encontrou-a com a peruca chamuscada e a blusa em farrapos, mais viva que nunca, porém, tratando de apagar o fogo com um cobertor. (p.154-155)

Já incrédulo pela insistência da avó de sobreviver às suas emboscadas, Ulisses acometeu a avó com uma faca e lutou contra sua força e seu peso:

Ulisses saltou sobre ela e lhe deu uma facada certa no peito nu. A avó gemeu, atirou-se sobre ele e tratou de estrangulá-lo com seus potentes braços de urso.

- Filho da puta - grunhiu. - Muito tarde vejo que você tem cara de anjo traidor.

Não pôde falar nada mais, porque Ulisses conseguiu livrar a mão com a faca e acertou uma segunda facada nas costas. A avó gemeu fundo e abraçou com mais força o agressor. Ulisses acertou um terceiro golpe, sem piedade, e um jorro de sangue, expulso com alta pressão, salpicou-lhe o rosto: era um sangue oleoso, brilhante e verde, igual ao mente de menta. (p.157)

E, por fim, ao certificar-se que a avó estava finalmente morta, Erêndira saiu pela barraca correndo, enquanto Ulisses, exausto pela luta que tinha concluído sozinho, a chamava entre gritos e soluços.

### **3.1 ERÊNDIRA: uma história de dominação**

Desde o início do conto somos apresentados a um modo de exploração que, a princípio, não se configura como comercial, mas se caracteriza pelo trabalho excessivo, pois a avó delega todos os afazeres domésticos à neta Erêndira que cumpre sem hesitar. Cuida da mansão em que moram e da própria avó, deparando-se com a exaustão da grande jornada de trabalho.

No momento em que servia a sopa, a avó percebeu seus modos de sonâmbula, e lhe passou a mão diante dos olhos, como se limpasse um vidro invisível. A menina não viu a mão. A avó seguiu-a com o olhar e, quando Erêndira lhe deu as costas para voltar a cozinha, gritou-lhe:

- Erêndira.

Despertada de chofre, a menina deixou cair a sopeira no tapete.

- Não é nada, filha - disse-lhe a avó com uma ternura verdadeira. - Você dormiu caminhando.

- É o cansaço - desculpou-se Erêndira.

Recolheu a sopeira, ainda aturdida pelo sono, e tratou de limpar a mancha do tapete.

- Deixe-o assim - persuadiu-a a avó -, você o lava esta tarde. (p.93)

Ao nos debruçarmos sobre os detalhes com cuidado percebemos que essa relação de dominação existente é anterior. Erêndira é apresentada pelo autor como neta bastarda, isto é, fruto de uma relação extraconjugal. O pai é dito como morto e a mãe nem sequer é citada, sugerindo não existir outra pessoa de seu vínculo familiar. Diante disso, a avó assume a criação da neta a partir de uma relação de poder e dominação; o que revela ambiguidade, na medida em que os cuidados fornecidos não mostram vinculação afetiva. Nesse sentido, a relação avó-neta desde sempre foi movida pela dominação e sujeição, revelando um modo de lidar meramente impessoal, no sentido de que assumir a neta é uma condição socialmente necessária numa situação de desamparo, mas que na verdade ao mesmo tempo em que cria a submete.

A história nos apresenta a diferentes formas do exercício do poder por parte da avó e, ao olhar para o fenômeno da exploração sexual comercial, deparamo-nos com uma forma de violência que revela peculiaridades. Assim, conforme explicitado anteriormente, esse fenômeno se caracteriza como uma relação de mercantilização onde o corpo se transforma em mercadoria. Seja ela realizada de maneira formal ou informal, sempre envolve a presença de terceiros que se beneficiam dessa relação (MORAIS, 2007). Trata-se, sobretudo, de um dominador e um dominado em que a dependência afetiva ou sexual, dinheiro e o medo, por exemplo, tornam possível o exercício do poder.

No caso da nossa *incrível e triste história*, a avó claramente se empodera da relação com a neta Erêndira que, por sua vez, se submete aos comandos e exigências ao ponto de abrir mão do seu próprio corpo. Nesse sentido, a avó estabelece uma relação de uso sobre a neta, se apropria do corpo alheio e se beneficia deste. O corpo, então, é objetificado e comercializado. Mas qual o sentido

desse apropriar-se de um outro? Um outro corpo, uma outra vida. Ademais, quais são os sentidos que sustentam esse apropriar-se, na medida em que Erêndira se vê refém da relação. Essas questões circundam a análise desta história, indicando o existencial da culpabilidade como possibilidade de sentido da relação de dominação existente no conto.

Segundo Boss (1981) a culpa envolve duas questões fundamentais próprias na medida em que tem um *o que* ela “deve”, e um *credor* ao qual ela está devendo. Neste cenário, a avó desde sempre ocupou posição de credora em relação à neta Erêndira. Essa dívida a princípio não é revelada pelo autor e, portanto, se faz presente nas entrelinhas. *O vento da desgraça* que derrubou o candelabro naquela noite ocasionando o incêndio demarca essa história, tornando explícita a dívida que antes estava subentendida. A história, assim, se transforma. A dívida se concretiza em dinheiro, em números; e o que antes parecia impagável se torna pagável através da exploração do corpo da neta. A culpa, nesse sentido, aparece essencialmente como dívida, mostrando-se como sentido de submissão na medida em que a avó apresenta-se como credora.

Assim, entre tantas possibilidades o corpo de Erêndira se torna o objeto de venda. Diante disso, olhar novamente para os detalhes se torna importante, pois vemos aí uma semelhança com a própria trajetória da avó. Apesar de não haver muitas informações a respeito desta personagem e de outras pessoas significativas na vida de Erêndira, o autor relata que a história mais conhecida no povoado era de que a avó havia sido resgatada de um prostíbulo pelo seu marido Amadís e que a partir daí o deserto tornou-se um refúgio.

Ter esse olhar para a história de Erêndira significa retomar o objetivo desse trabalho que se refere não à explicação, mas a compreensão do sentido dessa relação que se apresenta e do conto como um todo. Portanto, tais aspectos destacados não se propõem a explicar o porquê dessa exploração; mas a buscar quais os sentidos estão por detrás da dominação e da sujeição.

Apesar de render-se aos trabalhos exagerados outorgados pela avó, após o *vento da desgraça* que concretiza sua dívida, Erêndira tenta através da força física não permitir que seu corpo se torne objeto de uso de seu primeiro cliente. Nesse sentido, é importante notar que o movimento de enfrentamento se deu com um outro que não sua avó, quem a submete à domínio.

Quando Erêndira e o viúvo entraram no alpendre, tiveram de se agarrar para que uma rajada de chuva, que os deixou encharcados, não os derrubasse. Não se ouviam suas vozes e seus movimentos eram descontraídos por causa do fragor da borrasca. À primeira tentativa do viúvo, Erêndira gritou algo inaudível e tratou de fugir. O viúvo respondeu sem voz, torceu-lhe o braço pelo pulso e a arrastou até a rede. Ela resistiu, arranhando-o no rosto, tornou a gritar em silêncio, e ele respondeu com uma solene bofetada, que a levantou do chão e a fez flutuar um momento no ar, com o longo cabelo de medusa ondulando no vazio; abraçou-a pela cintura antes que voltasse a pisar o chão, derrubou-a dentro da rede com um golpe brutal e a imobilizou com os joelhos. Erêndira então sucumbiu ao terror, perdeu o sentido e ficou como que fascinada com as franjas lunares de um peixe que passou navegando no ar da tormenta, enquanto o viúvo a despia, rasgando-lhe a roupa com puxões espaçados, como se estivesse arrancando mato, desfazendo-a em largas tiras coloridas, que ondulavam como serpentina e se perdiam com o vento. (p. 99 -100)

Erêndira resiste num primeiro momento, mas se vê incapaz e, assim, se depara com a impossibilidade de se ver livre do destino que lhe foi traçado. Percebe os males que a avó causa, mas se sujeita e permanece ocupando a condição de devedora. Segundo Giacoia Jr. (2013), o nosso si mesmo é inaugurado na relação com os outros, pois existir significa cuidar do poder-ser no mundo, que é também ser-com-os-outros. E, nesse aspecto, ao se ver incapaz, Erêndira abre mão do seu projeto de vida, sujeita-se e, desta forma, descuida da sua existência, do seu poder-ser.

A inautenticidade apresenta-se como fuga para Erêndira, na medida em que a existência inautêntica oferece segurança, pois isenta o *Dasein* da tarefa de lidar com o seu ser-aí, conforme explicita Cabestan (2010). Erêndira se isenta da responsabilidade de ter que lidar com o seu existir, permitindo que a avó, isto é, um outro se aproprie do seu ser e de suas possibilidades. Assim, a relação com o seu próprio existir foi atravessada pela imposição do outro, limitando o seu poder-ser e, de certa forma, se apropriando do projeto de ter-de-ser que lhe foi delegado e torna-se, sobretudo, prisioneira desse projeto e das significações da avó.

### **3.2 A avó: entre o real e o fantástico**

A avó representa a dominadora e nela se assenta toda a história de exploração. Segundo Oliveira et al. (2010), o relacionamento entre avós e netos é

marcado pelo prazer e brincadeiras, configurando-se uma forte relação emocional bidirecional na medida em que os netos apresentam alegria e satisfação ao realizar uma atividade junto às suas avós, bem como estas demonstram sentirem satisfeitas em apoiar, proteger e ensinar seus netos. Ou seja, há um imaginário acerca do que é ser avó e as funções que deve desenvolver.

Assim, o conto nos apresenta a uma difícil violência imposta pela própria avó e, desta forma, Marquéz busca nos mobilizar com a crueldade da personagem por caminhar em discordância do referencial do ser avó no mundo, utilizando-se do realismo fantástico, contexto em que isso é possível na literatura. Com isso, autor elucida esse aspecto na medida em que acrescenta características não humanas, como quando a descreve como uma *formosa baleia branca* ou quando a avó jorra sangue verde ao levar uma facada no fim do conto.

Nesse aspecto, outro ponto interessante de ser mencionado diz respeito ao anonimato da personagem que ao longo de todo enredo é referida somente como avó. O nome, de certa forma, oferece identidade e nos aproxima do personagem. O anonimato, portanto, nos permite caminhar com certo distanciamento, como se oferecesse segurança frente a uma realidade tão difícil de entrar em contato.

O conto permeia pela ambiguidade a todo o momento, e a avó, nesse movimento, assume a criação da neta e lhe dá o necessário para viver, mas a machuca quando a submete a explorações. O afeto na relação com Erêndira é quase que inexistente, mas com um olhar minucioso, podemos perceber que há ainda uma tentativa de preocupação:

(...) - Entre você, galanteador - disse-lhe de bom humor. - E não se demore, que a pátria precisa de você.

O soldado entrou, mas voltou imediatamente, porque Erêndira queria falar com a avó. Ela pendurou no braço o cesto de dinheiro e entrou na tenda de campanha, cujo espaço era pequeno mas ordenado e limpo. No fundo, em uma cama de lona, Erêndira não podia controlar o tremor do corpo, estava maltratada e suja de suor de soldado.

- Avó - soluçou -, estou morrendo.

A avó tocou-lhe a testa e, ao verificar que não tinha febre, tratou de consolá-la.

- Agora só faltam dez militares - disse.

Erêndira começou a chorar com uns uivos de animal apavorado. A avó compreendeu então que ultrapassara os limites do horror e, acariciando-lhe a cabeça, ajudou-a a se acalmar.

- O que acontece é que você está fraca - disse-lhe - Vá, não chore mais, banhe-se com água-de-colônia para que seu sangue se acalme. (p. 111)

Há um limite, o *limite do horror*. A avó se depara com a situação, aparentemente se dá conta de suas atitudes e isenta a neta de continuar a trabalhar naquele dia. O que, no entanto, não é efetivo, uma vez que no dia seguinte Erêndira é novamente submetida às explorações.

A avó, nesse sentido, se mantém distanciada. Não se responsabiliza pelos trabalhos intensos que delegava a neta antes do *vento da desgraça*; e muito menos se responsabiliza em submeter Erêndira à exploração sexual comercial. É um atuar sem culpa, sem relação de débito.

A avó, abanando-se no trono, parecia alheia à própria feira. A única coisa que a interessava era a ordem na fila de clientes que esperavam vez e a exatidão do dinheiro que pagavam, adiantado, para estar com Erêndira. (p.105)

A dívida presente nas entrelinhas do conto é notória tanto para avó que faz uso do lugar de credora e, portanto, não só pode apropriar-se da neta, como o faz e a submete; mas também é conhecida por Erêndira que ocupa a posição de falta, devedora, submetendo-se. Diante desse cenário, apesar de calar-se diante da avó, Erêndira emite sinais de exaustão; sinais esses que não são sensíveis a avó. Assim, esta se isenta da culpa pela jornada de trabalho excessiva imposta que ocasionou o acidente; assim como se isenta da culpa dos males que causa a neta quando se apropria do seu corpo.

A preocupação, segundo Braga & Farinha (2017), é a relação que estabelecemos com o outro Dasein; refere-se ao ser-com-os-outros. A submissão, nesse sentido, corresponde a uma forma imprópria de ser-com em que o ser se torna ser-lá, levando a um afastamento e a não-singularidade. Com base nisso, pode-se dizer que a modalidade de cuidado preocupação entre a avó-neta corresponde à submissão, em que Erêndira torna-se ser-lá, alheia às suas possibilidades de ser. Assim, a avó apropria-se das possibilidades de Erêndira, revelando uma relação de uso com a neta; relação em que o outro é objetificado.

### **3.3 Projeto forjado: o herói justiceiro**

Erêndira, como já exposto neste trabalho, apresenta-se alheia a seu poder-ser, na medida em que ocupa o lugar de devedora. Assim, quando, pela primeira vez

no conto, depara-se com a possibilidade de escolher o seu destino, decide continuar com a avó:

(...)

- Eu dou vinte - disse a avó - Não para que faça a primeira comunhão, mas para que se case.

- E com quem?

- Com minha neta.

Foi assim que Erêndira se casou, no pátio do convento, com o hábito de reclusa e uma mantilha de renda, que lhe presentearam as noviças, sem saber sequer como se chamava o esposo que a avó comprara. (...) No entanto, quando terminou a cerimônia, e na presença do Prefeito Apostólico, do prefeito militar que dava tiros contra as nuvens, de seu recente esposo e de sua avó impassível, Erêndira encontrou-se de novo sob o feitiço que a dominava desde o seu nascimento. Quando lhe perguntaram qual era a sua vontade livre, verdadeira e definitiva, não teve nem um suspiro de vacilação.

- Quero ir - disse. E esclareceu, apontando para o esposo: - Mas não vou com ele, vou com minha avó. (p.126)

Há um *feitiço* que a domina desde o seu nascimento, algo subentendido que atravessa a relação. O feitiço, nesse sentido, pode ser relacionado ao fato de Erêndira ser filha de uma relação extraconjugal e que, diante do cenário de desamparo, foi criada pela avó. Assim, uma das questões fundamentais da culpa exposta por Boss (1981) que refere *o que* ela “deve” apresenta-se como um dever a própria vida a avó. A vida, nesse contexto, refere-se à vida biológica, o necessário para manter-se viva. Trata-se de uma vida esvaziada, sem sentido. Erêndira, assim, mostra-se presa às convenções sociais. Ademais, outros sentidos podem ser levantados, como o fato de Erêndira não ter mais ninguém no mundo, o que também pode estar relacionado à sua submissão.

Erêndira estava junto dela, vestia vistosos tecidos, com tachas douradas, mas ainda tinha a corrente no tornozelo.

- Você não pode queixar-se - dissera-lhe a avó ao sair da cidade fronteiriça. - Tem roupas de rainha, uma cama de luxo, uma banda de música própria, e catorze índios a seu serviço. Não lhe parece esplêndido?

- Sim, avó

- Quando eu lhe faltar - continuou a avó -, não ficará à mercê dos homens, porque terá sua casa própria em uma cidade importante. Você será livre e feliz.

Era uma visão nova e imprevista do futuro. Entretanto, não voltara a falar da dívida de origem, cujos números alterava e cujos prazos aumentava à medida que se faziam mais complicadas as custas do

negócio. Apesar disso, Erêndira não soltou um só suspiro que permitisse vislumbrar seu pensamento. (p.145)

Segundo Braga & Farinha a forma como o *Dasein* se ocupa dos entes intramundanos, isto é, aos objetos e as coisas, pressupõe uma relação de serventia que também se refere ao próprio cuidado, pois é no trato com os entes no mundo que as possibilidades se abrem, nos permitindo ser a cada momento desse ou daquele modo. Com isso, pode-se dizer que a avó se ocupa dos entes intramundanos, dando valor aos objetos e a fortuna que possui, os apresentando como condição para a felicidade e a liberdade. Dá valor à fortuna que conquista, mesmo que à custa do corpo da neta, mostrando-se alheia aos males que causa a neta, ao sofrimento da vida imposta.

Assim como o incêndio parece demarcar o caminho que será permeado na história, a entrada do personagem Ulisses representa uma transformação do conto. Nesse sentido, somente com Ulisses é que se abre espaço para a manifestação de outras disposições afetivas relacionados à avó, de desejos e da fuga.

Ulisses se impressionou tanto com a cruza da censura que fugiu da barraca. Erêndira continuou observando a avó adormecida, com seu ódio secreto, com a raiva da frustração, à medida que amanhecia e despertava o ar dos pássaros. Então a avó abriu os olhos e a olhou com um sorriso plácido. (p.154)

A disposição afetiva da raiva que antes era inexistente no conto agora aparece como secreta, bem como o desejo de livrar-se da avó vai, a cada vez, tomando mais força. Erêndira vai se dando conta de sua existência, de suas possibilidades. Dá-se conta da vida que é a dela, e da vida que gostaria de ter. Depara-se, portanto, com a abertura do *Dasein*, com seu poder-ser, sua finitude e temporalidade. Ver-se livre da avó, então, apresenta-se como um projeto de futuro que a move.

Assim, é dando se conta de sua condição e de seu ser que há um processo de transformação. É com Ulisses que outras possibilidades de ser-no-mundo se abrem; outras possibilidades de destino que não a delegada pela avó. A fuga que até então nunca havia sido uma possibilidade, torna-se algo almejavável a partir da proposta do menino:

(...)

- Não posso ir antes de dez anos - disse Erêndira.

- Você irá - disse Ulisses. - Esta noite, quando a baleia branca dormir, eu estarei aí fora, imitando a coruja.

Fez uma imitação tão real do pio da coruja que os olhos de Erêndira sorriram pela primeira vez.

- É minha avó - disse.

- A coruja?

- A baleia.

Ambos riram do engano, mas Erêndira retomou o fio.

- Ninguém pode ir a parte alguma sem licença de sua avó.

- Não é preciso dizer-lhe nada.

- Saberá de qualquer modo - disse Erêndira: - ela sonha as coisas.

(p. 133)

Na impossibilidade da fuga, Ulisses então representa sua libertação, assim, Erêndira estabelece uma relação de uso com Ulisses, e o submete ao seu projeto. O menino, por outro lado, também ocupa esse lugar que Ihe foi designado e aceita o difícil pedido de matar a avó. O amor de Ulisses se manifesta como dependente, na medida em que se entrega e se mostra disposto a concretizar algo que Erêndira se vê incapaz.

(...) Ulisses e Erêndira permaneceram muito tempo em silêncio, embalados na penumbra pela desconcomunal respiração da anciã adormecida. De súbito, Erêndira perguntou sem a mínima piedade na voz:

- Você se atreveria a matá-la?

Tomado de surpresa, Ulisses não soube o que responder.

- Talvez - disse. - Você se atreve?

- Eu não posso - disse Erêndira -, é minha avó.

Então Ulisses examinou outra vez o enorme corpo adormecido, como que medindo sua quantidade de vida, e decidiu:

- Por você sou capaz de tudo. (p.150)

Um dos modos positivos da preocupação de acordo com Braga & Farinha (2017) é o substitutivo, em que ocupamos dos entes no lugar do outro. Embora muitas vezes necessário, nesse modo de se relacionar corre-se o risco de dominar o outro, pois ao escolher e fazer pelo outro, este é retirado da tarefa de direcionar seu poder-ser, revelando uma maneira inautêntica de cuidado. Diante desse cenário, pode-se dizer que Erêndira, mais uma vez, se isenta da tarefa de lidar com o seu projeto de futuro e o delega a Ulisses. Assim, de certa forma, estabelece uma relação substitutiva com Ulisses e forja um plano de libertação, pois assim que

consegue o que gostaria, isto é, a morte da avó, Erêndira foge sem Ulisses, ou seja, a intenção de uso fica nítida ao final do conto.

Na medida em que o ser-com se revela como ser-autêntico, é capaz de compreender o outro, pois a compreensão do outro ocorre por meio do cuidar solícito. É no encontro com a questão de ser si mesmo que se abre para nós a possibilidade de interrogar pelo sentido de ser de outrem (BRAGA & FARINHA, 2017, p. 72)

Apesar da maneira inautêntica de se relacionar, trata-se de um momento em que Erêndira age, uma vez que apesar de Ulisses ter matado a avó efetivamente, a menina foi a mandante do assassinato. Diante disso, Erêndira se isenta da responsabilidade de seus atos e, mais uma vez, demonstra reproduzir a relação que mantém com a avó, revelando novamente a ambiguidade do cuidado e não cuidado.

Erêndira não o ouvira. Ia correndo contra o vento, mais veloz que um veado, e nenhuma voz deste mundo podia detê-la. Passou correndo, sem voltar a cabeça, pelo ardente vapor dos charcos de salitre, pelas crateras de talco, pelo torpor das palafitas, até que se acabaram as coisas do mar e começou o deserto, mas ainda continuou correndo com o jaleco de ouro, para além dos entardeceres de nunca acabar, e jamais se voltou a ter a menor notícia dela, nem se encontrou o menor vestígio de sua desgraça. (p.159)

Utilizar-se do outro, o outro como objeto, é essencialmente a forma que se apresenta no conto. Trata-se, assim, de uma história de dominadores e dominados, sem que seja possível outra forma de preocupação.

Ao mesmo tempo, o movimento de Erêndira indica um dar-se conta de sua abertura enquanto *Dasein*, ou seja, da necessidade de se ver livre da avó, um obstáculo ao seu poder-ser. As disposições afetivas de raiva e de frustração tecem a coreografia de um destino que é matar a avó, pois conforme expõe as autoras Braga & Farinha (2017):

“É na realização dos modos de ser que nos são possíveis que respondemos à tarefa de ser e assim cuidamos de ser: em cada ação cotidiana, no modo como nos colocamos, somos afetados, nos manifestamos, nos relacionamos... Realizamos algumas possibilidades de nós mesmos” (BRAGA & FARINHA, 2017, p.68)

Assim, Erêndira começa a se apropriar da possibilidade de assumir seu próprio ser, seu próprio ser si mesma. O modo de como ela vê esta possibilidade existencial de poder-ser é eliminando a avó, o crime.

### 3.4 Desvelando os sentidos

O presente trabalho teve como principal propósito a análise do conto *A incrível e triste história de Cândida Erêndira e sua avó desalmada*, de Gabriel García Márquez (2014); história esta que retrata o fenômeno da exploração sexual entre outros modos de dominação. A história é singular e revela suas peculiaridades ao retratar a relação da avó com sua neta, colocando em evidência uma avó em nada parecida com as que constituem o imaginário popular, ou seja, uma avó amorosa, afetiva e disposta a ensejar ações positivas em favor dos netos. A opção por uma fenomenologia hermenêutica, sustentada pelas contribuições de Martin Heidegger, procurou desvelar os sentidos dessa relação incomum entre a avó e sua neta Erêndira. Cabe ressaltar que quando falamos em *sentido* queremos salientar o *projeto de mundo*, os propósitos que pautaram as ações da avó em relação à Erêndira e desta em relação à própria avó, bem como a relação estabelecida com os demais personagens do conto.

A avó ocupa a posição de credora em relação à Erêndira e é neste contexto que exerce e mantém o seu poder, dominando-a. Sendo credora, isto é, aquele que tem créditos, não se sente culpada por esse modo de relação que atinge o seu ápice com a exploração sexual da neta após o incêndio acidental. Do mesmo modo, Erêndira assume o lugar de devedora e se submete a esses mandos e desmandos sem contestar, o que causa estranheza, porém é a configuração dessa relação também antes do incêndio. Tal dívida a paralisa, não reivindicando nunca o seu lugar de neta.

A pergunta que podemos fazer é: que sentido sustenta essa relação credora da avó em relação à Erêndira e que sentidos a fazem ficar à mercê dessa avó *desalmada*?

O que podemos sustentar como possibilidade é a condição de Erêndira ser filha bastarda, ou seja, fruto de um relacionamento extraconjugal e, portanto, uma

avó que não a reconhece como neta e não legitima esse lugar. Outra possibilidade é que com a morte do pai, a avó tenha assumido impropriamente o encargo dos cuidados da neta, ou seja, aceitou em conformidade com o que é esperado de uma avó, mas, ao mesmo tempo, não autenticando genuinamente essa condição. Na ontologia de Heidegger *Ser e Tempo* (1927) a impropriedade refere-se a esta condição de que o ser-aí se move em panoramas prontos, esperados, legislados impessoalmente e que, portanto, carece de um posicionamento próprio, autêntico.

A *avó desalmada*, título dado pelo autor, mostra uma relação que carece de culpa, de sentimentos de compaixão em relação à neta; condição credora que coloca o outro em débito, constituindo-se assim uma relação de poder sobre o outro. Trata-se de algo extremamente perigoso e nefasto que testemunhamos em diferentes modos de convívio do ser-aí com os outros, como o uso político, ideológico, racial (etnias) entre tantos que protagonizaram eventos tal qual a segunda grande guerra e o genocídio de Ruanda, por exemplo.

No conto em análise, Erêndira se submete a avó, não sabemos se por sentir-se sozinha no mundo, ou por dependência às mensagens ambíguas que a avó alimenta nessa relação. O fato é que ao conhecer Ulisses e este se apaixonar por ela, enxerga nessa relação a possibilidade de libertação. Tenta fugir do seu domínio sem sucesso, pois a avó a persegue não deixando escapar. Aos poucos, Erêndira faz uso do amor de Ulisses que se mostra disposto a libertá-la. Assim, Ulisses também está submetido, pois a ama e fará tudo o que for preciso para tê-la a seu lado, até mesmo infringir princípios fundamentais ao cometer o crime. Em seguida, Erêndira foge e abandona o pacto de amor com Ulisses; funciona dentro da mesma lógica da *avó desalmada*, manipula, usa, mente e se isenta de certo modo das responsabilidades de seus atos.

Curiosamente tentamos nos aproximar de bibliografias que retratassem críticas literárias ou da interpretação desse conto de Gabriel García Márquez, sem sucesso. Parece-nos que o sentido da obra subverte as relações costumeiras entre os avós e seus netos, relações estas encontradas, por exemplo, na frase popular “Os pais educam e os avós estragam”; mostrando que mesmo as relações familiares podem se desvirtuar em poder. Da mesma forma, e talvez como aspecto principal, ao expor a exploração sexual comercial, o autor confere uma denúncia a essa forma de violência que constitui a realidade em nosso mundo.

Essa *incrível e triste história* trata, sobretudo, das relações não horizontais, das relações de poder e de subjugação. Fala da impossibilidade do ser-aí ser-si-mesmo-próprio, de fazer suas escolhas – abrir-se. E, portanto, fala de muitas Erêndiras, muitos Ulisses, muitas avós e, de certa forma, de todos nós.

#### 4. CONSIDERAÇÕES

Este trabalho se inscreve numa modalidade de pesquisa qualitativa com artes cinematográficas, literárias e de arte, cuja tarefa é revelar os possíveis sentidos (*Sinn=rumo, direção do existir*) que marcam a trajetória de vida dos seus personagens, no nosso caso a história de Erêndira e sua *avó desalmada*. O trabalho não pretende ser fiel às intenções do autor, pois somente ele poderia nos oferecer indícios sobre a sua realização e, nesse cenário, a tarefa hermenêutica abre-se como um ofício de compreensão e de interpretação a partir do horizonte fático da vida de Erêndira com a sua avó.

Alguns referenciais da ontologia de Heidegger que dizem respeito à condição humana, portanto ontológicos, foram utilizados, como a culpabilidade (débito) e modos do cuidado (*Sorge*) que se sobrepõem aos outros, não deixando que o outro exerça seu poder-ser. Da mesma forma, tratamos da ambiguidade dessa relação que também acomoda o ser-aí submetido à tutela do outro, deixando de cuidar de si. A libertação para o poder-ser, nesse sentido, se faz pela lógica do uso do outro.

Infelizmente não encontramos bibliografias de outras análises do conto que pudessem nos nortear. Aspecto esse que se caracteriza como algo ruim e bom, pois nos permitiu caminhar livremente segundo o modo como o conto nos tocou.

Assim, a princípio, o trabalho se propôs a uma apresentação do fenômeno da exploração em seu contexto enquanto violência e violação de direitos; e, em seguida, foram apresentadas as concepções acerca do que se concebe ao papel da avó no nosso mundo, aspecto este importante para se pensar na peculiaridade do conto. As páginas que se seguiram serviram para evidenciar a fenomenologia enquanto um olhar e suas implicações frente à concepção de homem e de mundo e, a partir daí, percorrer uma trajetória desconstrutiva do fenômeno, sem desconsiderar o contexto da nossa realidade. Em vista disso, não há uma resposta a ser dita, não há uma explicação a ser dada. No lugar disso, tem-se uma leitura do conto, da relação estabelecida entre os personagens e a explicitação do sentido dessas experiências.

Como última consideração, é importante ressaltar que Erêndira reflete uma realidade. A exploração sexual de crianças e/ou adolescentes corresponde a uma grave violação de direitos humanos e, comparada à situação de abuso sexual, traz peculiaridades em seu caráter comercial, na medida em que este se caracteriza

como fundamental para sua ocorrência e definição, designando, portanto, íntima relação com condições sociais precárias e desigualdade econômica (MORAIS et al., 2007).

Nesse sentido, a obra do autor Gabriel Márquez repercute criticamente em relação a essa forma de violência, sugerindo uma importante denúncia a realidade de muitas meninas e mulheres no nosso mundo. Segundo Faria et al. (2007), a exploração sexual tem se transformado ao longo dos anos e se revestindo de formas diferentes para se manter na modernidade. Assim, cabe salientar que apesar do surgimento de políticas que tentem assegurar os direitos de crianças e/ou adolescentes, estas ainda são poucas frente à complexidade do tema, revelando ainda um cenário alarmante em nossa sociedade.

## 5. REFERÊNCIAS

BELLO, Angela Ales. *Introdução à Fenomenologia*. Tradução Ir. JatintaTurolo Garcia e Miguel Mahfoud. Bauru, São Paulo: Eduse, 200b., 2006.

BOSS, Medard. *Angústia, Culpa e Libertação*. 3a ed. São Paulo: Duas Cidades, 1981.

BRAGA, Tatiana Benevides Magalhães; FARINHA, Marciana Gonçalves. Heidegger: em busca de sentido para a existência humana. *Rev. abordagem gestalt.*, Goiânia, v.23, n.1, p.65-73, abr. 2017. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672017000100008&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672017000100008&lng=pt&nrm=iso)> Acesso em 17 maio 2018.

BRASIL. *Estatuto da criança e do adolescente*: Lei federal nº 8069, de 13 de julho de 1990. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 2002.

CABESTAN, Philippe. Ser si-mesmo: abordagem fenomenológica da autenticidade e da inautenticidade. *Winnicott e-prints*, São Paulo , v. 5, n. 1, p.1-16, 2010. Disponível em<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-432X2010000100004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-432X2010000100004&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 17 maio 2018.

CASANOVA, Marco Antonio. *Compreender Heidegger*. 5.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

CASTOR, Josemar Gonçalves. *La Vida y La Obra de Gabriel García Márquez*. Edición del autor, 2011. Disponível em<<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ea000939a.pdf>>. Acesso em 07 set. 2017.

FALEIROS, Eva T. Silveira; CAMPOS, Josete de. Oliveira. *Repensando os conceitos de violência, abuso e exploração sexual de crianças e de adolescentes*. Brasília: Unicef. 2000.

FALEIROS, Vicente de Paula. Abuso sexual de crianças e adolescentes: trama, drama e trauma. *Serviço Social & Saúde*, Campinas, v. 2, n. 2, p. 65-82, 2003.

FARIA, Thaís Dumê; OLIVEIRA, Pedro Américo Furtado de; MENDES, Renato. O enfrentamento à exploração sexual de crianças e adolescentes: desafios e caminhos. *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v.12, n.5, p.1115-1118, out. 2007. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232007000500005&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232007000500005&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 27 jun. 2017.

FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo; MATTAR, Cristine Monteiro. A fenomenologia como método de investigação nas filosofias da existência e na psicologia. *Psic.: Teor. e Pesq.*, Brasília, v.30, n.4, pp.441-447, 2014. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-37722014000400009&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722014000400009&lng=en&nrm=iso&tlng=pt)>. Acesso em 10 nov. 2017.

GIACOIA JR., Oswaldo. *Heidegger Urgente: introdução a um novo pensar*. São Paulo: Três estrelas, 2013.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*: 6. ed. São Paulo: Editora Atlas S.A, 2008.

KIPPER, Caroline Dal Ri; LOPES, Rita Sobreira. O tornar-se avó no processo de individuação. *Psic.:Teor. e Pesq.*, Brasília, v. 22, n. 1, p. 29-34, abr. 2006. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722006000100004>>. Acesso em 30 marc. 2017.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo* (1927), Partes I e II. Tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2015.

JESUS, Núbia Angélica. de. O círculo vicioso da violência sexual: do ofendido ao ofensor. *Psicol. cienc. prof.*, Brasília, v. 26, n. 4, p. 672-683, dez. 2006. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932006000400013&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932006000400013&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 20 maio 2018.

LEAL, Maria Lúcia Pinto. *A exploração sexual comercial de meninos, meninas e adolescentes na América Latina e Caribe*. Relatório final, Brasil. Brasília: CECRIA, 2ª Edição, Julho/1999.

LIBÓRIO, Renata Maria Coimbra; LEAL, Maria Lúcia Pinto; LEAL, Maria de Fátima Pinto. *Tráfico de Pessoas e Violência Sexual*. Brasília: Leal Produções & Publicações, 2007.

LIBORIO, Renata Maria Coimbra. Adolescentes em situação de prostituição: uma análise sobre a exploração sexual comercial na sociedade contemporânea. *Psicol. Reflex. Crit.*, Porto Alegre , v. 18, n. 3, p. 413-420, Dec. 2005 . Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-79722005000300016&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722005000300016&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 19 May 2018.

MÁRQUEZ, Gabriel García. *A incrível e triste história de Cândida Erêndira e sua avó desalmada*. 26. ed. Tradução de Remmy Gorga, Filho. Rio de Janeiro: Record, 2014.

MORAIS, Normanda Araujo de, et al . Exploração sexual comercial de crianças e adolescentes: um estudo com caminhoneiros brasileiros. *Psic.: Teor. e Pesq.*, Brasília, v. 23, n. 3, p. 263-271, set. 2007. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722007000300004>>. Acesso em 30 mar. 2017.

NASCIMENTO, Elilson Gomes; NEVES, Renato Mendonça. A intertextualidade que permeia o fantástico: uma realidade da Erêndira de Garcia Márquez. *Revista ao pé da Letra*. Pernambuco, v. 13, n.1, p.50-60, jun. 2011. Disponível em <<http://revistaaopedaletra.net/volumes-aopedaletra/Volume%2013.1/Vol-13-1-Elilson-Gomes-Nascimento-Renato-Mendonca-Neves.pdf>>. Acesso em 07 set. 2017.

OLIVEIRA, Alessandra Ribeiro Ventura; VIANNA, Lucy Gomes; CARDENAS, Carmen Jansen de. Avosidade: visões de avós e de seus netos no período da infância. *Rev. bras. geriatr. gerontol.*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 3, p. 461-474, dez. 2010. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1590/S1809-98232010000300012>>. Acesso em 02 abr. 2017.

OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; CUNHA, Ana Maria de Oliveira. Breves Considerações a respeito da fenomenologia e do método fenomenológico. *CadFucamp.*, Uberlândia, v.7, n.7, 2008. Disponível em: <<http://www.fucamp.edu.br/editora/index.php/cadernos/article/view/103>>. Acesso em 10 nov. 2017.

RUSCHEL, Ângela Ester; CASTRO, Odair Perugini de. O vínculo intergeracional: o velho, o jovem e o poder. *Psicol. Reflex. Crit.*, Porto Alegre, v.11, n.3, p.523-539, 1998.

Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79721998000300011>>. Acesso em 19 mai. 2017.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Editora Atlas S.A, 1987.

VERONESE, Josiane Rose Petry. Violência e exploração sexual infanto-juvenil: uma análise conceitual. *Psicol. clin.*, Rio de Janeiro, v.24, n.1, p.117-133, 2012. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-56652012000100009&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652012000100009&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 27 jun. 2017.